

# Diversidades e saberes

*Diversities and knowledge*

Miguel Alberto González González<sup>1</sup>

## RESUMO

Temos o costume de avançar sobre as diversidades e saberes em rasgos desesperançados quando os apresentamos os intelectuais e em rasgos turísticos quando os fazem os poderes. Os intelectuais não costumam acreditar nas estatísticas estatais, não estamos para acreditar nisso, seus sofismas e distratores não lhes permitem confrontar esses campos tão frágeis como as diversidades e saberes populares. Aos intelectuais não se presta atenção porque não fazem parte de um poder do momento ou porque são julgados como pessimistas desleixados. No meio, num lugar do nada aparecem os prejudicados. Os sofridos, as classes sociais esquecidas, abandonadas ou bem porque não são incluídas em todos os campos vitais da sua existência (Arendt, 1996) ou talvez porque são incluídas de maneira parcial e suas expressões de diversidade passam a ser desconhecidas ou limitadas, os saberes cotidianos não se parecem aos científicos nem aos educativos; O que estamos deixando de saber por esquecer das nossas comunidades de base? Isto saberemos quando leiamos as diversidades não como algo exótico senão como um rasgo fundamental para relacionarmos e para agir na vida em todas suas formas.

**Palavras chave:** Diversidades esquecidas. Inclusões excluídas. Intelectuais do incômodo. Falácias do Estado. Sofredores sem testemunha.

## ABSTRACT

We tend to advance on the diversities and knowledge hopelessly when we present the intellectuals and in touristic features when the powers do. We intellectuals do not usually believe in state statistics, we are not here to believe them, their sophistry and distractions do not allow them to confront these fields as weak as diversities and popular knowledge. Intellectuals are not paid attention because they are not part of the power of the day or because they are judged as pessimistic sloppy. In the middle, instead of nothing, there are the injured, the suffering, the forgotten social classes, abandoned or because they are not included in all the vital fields of their existence (Arendt, 1996) or perhaps because they are included partially and their expressions of diversity become unknown or limited; everyday knowledge does not resemble scientific or educational. What are we ceasing to know by forgetting our grassroots communities? We will know this when we read diversity not as something exotic but as a fundamental feature to relate to and to act in life in all its forms.

**Keywords:** Forgotten diversity, excluded inclusions, intellectuals of the uncomfortable, State fallacies, suffering without testimony.

175

---

<sup>1</sup> PhD em ciências da Educação e PhD em Conhecimento e cultura na América Latina. Docente e investigador em ciências sociais da Universidade de Manizales, Colombia. Scopus Author ID: 57202110923. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0172-0101>. E-mail: [miguelg@umanizales.edu.co](mailto:miguelg@umanizales.edu.co), [mgaronte@me.com](mailto:mgaronte@me.com)

## Saber e conhecer

Sem dúvida, “Educação: encerra um tesouro” nos diz Delors (1996, p. 19). Não é fácil encontrar os limites, que são porosos, e os pontos de encontro, que são frágeis entre saber e conhecer que costumam se relacionar com a consciência, a memória e a lembrança. Conhecer é um encontro consciente com um objeto conhecido através da experiência, da percepção; o saber é um conhecimento pelas ideias, por conceitos. O conhecer, segundo Habermas (1986), se dá em estado natural e se apoia nas filosofias, nas ciências, daí as teorias do conhecimento. O saber é consequente com a razão, raciocina e aprende, alguém pode ser um sábio quando fundiona a teoria com a prática.

De fato, existe mais amplitude da expressão conhecimento. Para Abagnano (1997), conhecimento tem profundidade e singularidade, o saber generalidade e particularidade posto que um sábio contém o conhecimento e o saber em si próprio.

Conhecer, do latim *cognoscere*, é obter informação que possa traduzir em conhecimento validado por meio de métodos de pesquisa. Também se usa em cotidianidades, como conheço a uma pessoa, conheço minhas funções, conheço-me bastante bem, conheço todos os segredos do ciclismo. Daí que conhecer é se apropriar do mundo que nos rodeia, capta-se o mundo e o entorno, interage-se com campos biológicos-cerebrais, linguísticos, culturais, histórico e sociais. A partir daí, o “Conhece-te a ti mesmo” de

Sócrates, primeiro o conhecimento de si e logo sobre os outros o qual se nomeia como teorias do conhecimento-epistemologias.

Saber vem do latim *sapere* que conecta com inteligência, são habilidades que se aprendem por intuição, por experiência, por tradição, por autoridade, por modelos científicos ou filosóficos, do saber participa a episteme, a doxa e a ação. As condições do sábio são isolamento, a falta de meio termo, autarquia, renúncia, consciência, prudência, senso comum, capacidade de escuta antes que da fala e tranquilidade.

Um conhecedor quer impor suas ideias, dominar em sua verticalidade de saber cienciado, pode ser bastante jovem mas com muita ciência, muito conhecer acumulado; um sábio se interessa por convencer de que aquilo que está exposto tenha sentido no outro para dotá-lo de sentido, um sábio é um acúmulo de história que se logra nas idades altas. Mais do que impor, ele concilia, mais do que acreditar numa única realidade, atém-se às variações, a fatos plurais e a quão mutantes são as realidades. Um sábio pode ser um bom cientista, entretanto um fabuloso cientista não necessariamente pode ser um sábio; o evidente é que um não exclui o outro.

Por isso, a linha é muito difusa entre o saber e conhecer porque um precisa do outro. Chegando a isso, configura-se uma experiência diferente nas pessoas e nas sociedades. Perguntarmos sobre nossos Medos à liberdade (FROMM, 2006), é uma boa

maneira de saber onde deixamos a diversidade e o conhecimento.

Pode haver um conhecedor sobre a diversidade, mas não um sábio que consiga resolver as brechas. Dispomos de bastantes especialistas que abordam a diversidade, mas poucos sábios que consigam resolver as encruzilhadas do cultivo das diversidades, um cultivo de humanidade (NUSSBAUM, 2005).

### **Cultivo do diverser e o diversar**

Diverser e diversar é uma criação de González (2016, p.163):

Diverser: diversidad del ser, de mi ser, es la alteridad de mi interioridad, el mundo egótico, el yoico ensanchado en sus variados despliegues; es el encuentro conmigo, con mis miedos, potencias y latencias. En el diverser nos lleva a pensar que nadie podrá reducir nuestro ser a un universal por eficiente o lucido que este parezca. Hay que estar pausados para referirnos al diverser.

Diversar: diversidad con otros seres, es el saberme con los demás, el asomarme al afuera de mi ser y a la vecindad de los otros, es la irreductibilidad del otro a mis caprichos, es reconocer e identificar que esa diversidad no puedo someterla, negarla o desaparecerla.

A diversidade é um substantivo ou quando menos um adjetivo, portanto, não logra dar conta o que deseja concretizar, por isso se propõe diverser e diversar ao pensar sobre a diversidade e seus usos (GEERTZ, 1996).

Mais, além da relação intersubjetiva entre humanos, pressentir

é uma interação, uma leitura possível do diverser, - essa diversidade do ser. Entretanto, o diversar, esse ser nos outros, o sujeito coletivo configura referentes de sentido a partir das realidades vividas; de igual forma, as práticas dão a capacidade de habitar no mundo desde coordenadas coletivas, enquanto coletivo afirma a dignidade dos outros seres humanos e não humanos como parte da mãe natureza com única possibilidade de existência de suas culturas. Pela diversidade, o caminho verbalizador é o diversar, aquele ser que põe em ação o diversal, o variável de si mesmo e dos outros. Desde uma postura ética, o diverser interroga a dignidade e a fragilidade humana. Portanto, diversar devém de ressignificação do humano, mobiliza relações entre cosmovisões, caosaudições, caosintuições que darão conta de seus correlatos, cosmovisões, cosmoaudições e cosmointuições.

O diverser devém possibilidade e condição do humano, existe como a mesma existência. O diversar responde às versões, às desoclusões do substantivo diversidade.

As aventuras para a compreensão da diversidade em rigores do diverser, estariam nas rotas autobiográficas, nos testemunhos de vida, na sintonização de problemas epocais tanto na rota dos objetos como na dos sujeitos, de tal modo que compreendamos o trânsito desde o controle sobre os sujeitos com direção ao controle dos objetos.

Um pensador do diverser e do diversar não poderá dar-se por satisfeito com as descrições, com a morfologia dos problemas. Uma

potencial rota para pensar as diversidades, os desafios que implica para as inclusões, nos exigem uns mínimos como sujeitos, entregarmos aos cruzamentos de trilhas, aos caminhos abertos:

- Esvaziar de significados e sentidos o conceito de diversidade.
- Florestar as complexidades do diverser.
- Adentrar-se por uma arqueologia do diverser.
- Transitar o conceito da diversidade à retórica, a grandiloquência do diverser, do diversar.
- Potenciar outros dicionários para compreender o diverser.
- Reconhecer e projetar gramáticas de diverser, diversar, comunar, coraçonar.
- Não temer às metáforas, às ironias e aos paradoxos que encarnam pensarmos num diverser, num diversar desde nossas raízes imaginativas.
- Cultivar outras linguagens, sempre diferentes à tradição dominante.
- Hidratar o pensamento com línguas vernáculas vivas ou mortas que não caíram nas koinés, nas unificações, no monstro que pode ser uma linguagem total. De não esquecer, totalidade e infinito com suas

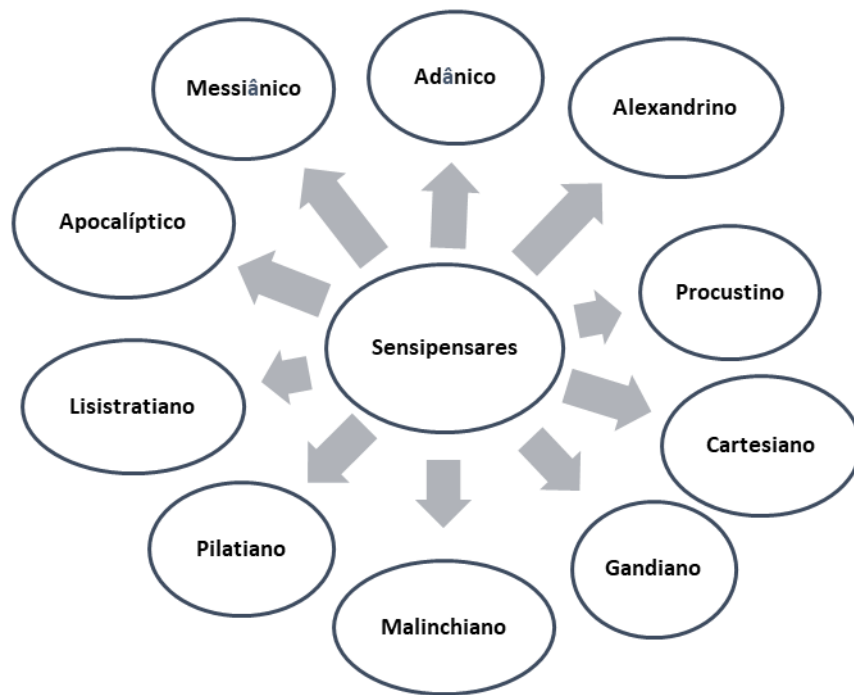
contradições. E devemos sempre nos perguntar sobre “¿Representa existir com, compartilhar de verdade la existência: Representa *existir com*, compartilhar verdadeiramente a existência" (LÉVINAS, 1977, p 53)

- Diversar linguagens que brotem o pensamento comunal.
- Propulsar a formação desde o diversar e o diverser como territórios de renovação, como territórios de aprender a viver em Potenciar a formação desde o diversar e o diverser como territórios de renovação, como territórios de aprender a viver em juntedades.

Não é conhecido que um problema tenha somente uma solução, são inumeráveis os recursos para confrontar um problema. Caso não o encontramos, é porque temos precariedade linguística, carência linguística, imaginativa ou preguiça mental para nos atrever.

### **Sensipensares em restrição**

Reconhecemos que nem todo sensipensar é potência, é esperança, também se identificam os seguintes sensipensares que nos habitam para estar em territórios dos poderes, em suas restrições.



- **Um pensar Adânico** é aquele que, desde as religiões, tem como aposta aprendida onde não houve um antes. Desde as políticas, se resolve que o primeiro em ter visto, o primeiro em nomear e em encontrar soluções, acredita que é o único que inventou a história e nomeou o inominável, é o filho do deus dos deuses. Narciso faz parte dessas formas de pensar, em que o centro de atenção tem que estar nesta forma de pensar, no sujeito, no seu eu ampliado, no seu ego, no seu umbigo. Aqui nos cabe o pensador mítico, o pensador de engenharia. Um pensador que tudo encontra virgem, mas que não aceita outros para batizar as realidades, os considera inimigos ou ininteligíveis, um Adão que se faz expulsar do paraíso, jamais regressa, e não se permite. Um pensador Adânico numa aula

ridiculariza e despreza os outros, é uma sorte de Narciso, um tirano informado, um tirano com estudos; ele-ela e só ele- ela sabem das verdades, possuem as grandes chaves das origens e, portanto, sabem dos destinos. “No el ver la verdad, según la frase de Kafka, sino el serlo<sup>35</sup>, de modo que tengamos derecho de pedirle, no háganos creer en lo que usted dice, sino: háganos creer en su decisión de decirlo: Não ver a verdade, de acordo com a frase de Kafka, mas sim, para que tenhamos o direito de perguntar, não nos faça acreditar no que você diz, mas: nos faça acreditar na sua decisão de dizê-lo”. (BARTHES, 1996, p.78)

- **Um pensar Alexandrino** vê no mundo uma constelação de objetos para serem conquistados e submetidos. Qualquer ideia estranha deve ser submetida ao

rigor de um mundo alexandrino, ali que não o aceite corre o risco de desaparecer. Um alexandrino vai para frente, considera que retroceder não é uma opção, tudo o que é submetido deve aceitar os rigores impostos; um pensador alexandrino é um conquistador de poucos escrúpulos, se apropria de terras, bens, consciências e tudo o que encontre a seu passo; ao final, é um conquistador, um descobridor sem escrúpulos. O melhor exemplo de um desenlace alexandrino é representado nas economias e seus toscos capilares. Um alexandrino costuma ver o copo meio vazio e raras vezes meio cheio. Um docente alexandrino pensa que está trabalhando com mentes vazias ou inferiores que, portanto, devem ser conquistadas e submetidas.

- **Um pensar Procustino** mobiliza o mundo desde a própria cama, ajustando-a a cada instante. Procasto era um vagabundo grego que permanecia nos cruzamentos de caminhos para roubar aos caminhantes, e logo os levava a uma cama que ajustava de acordo a suas vontades, ali deitava suas vítimas. Se eram menores, as estirava ao longo da cama; se maiores, recortava-as. Um pensador Procasto adapta as linguagens as facas de seus desejos, as guilhotinas de suas ilusões. Um professor Procasto não se interessa pelo conhecimento coletivo nem pelo estudante em particular, seu interesse se radica em ajustar seus estudantes ao seu caprichoso âmbito do

conhecimento, aprendem como seja o que Procasto quer. Dessa forma, aos estudantes avantajados, recorta-lhes as ideias e aos menos interessados as estira, ou seja, os iguala à medida da cama que o professor procastino dispõem.

- **Um pensar Cartesiano**, o centro é o pensar, se penso existo, aí se validam as dicotomias clássicas. É um exercício da dúvida, mas deve ser metódica, organizada, lógica em seu desenlace para poder ser aprovada. Por que pensamos que a razão é universal e o sentimento individual, local, particular? Esta pode ser uma das grandes heranças do racionalismo cartesiano. Há um pensar metálico, a um problema uma solução, é um pensador monástico, de ideias fortes e sem variáveis. A um problema uma saída, uma tribuna galáctica, somente é causa e efeito. A força está no passado, na história, a verdade, e não as verdades, é validada nas grandes vozes dos mortos, vozes do além ou em sua falta, a verdade está no futuro, nossa missão é executá-la.

Ao centro do mundo há que levar diverser, diversar, coraçonar, qualquerizar, ninguemzar, algumizar para que seja ensinado aos humanos os nortes, ocidentes, orientes e suis. Um professor cartesiano descarta as emoções, as simplifica e, se não é por esse meio da abstração, qualquer postura é impostura.

- **Um pensar Gandiano** reconhece a importância do diálogo, de conversar ao invés de discutir e

impor, de confrontar os poderes não com as armas, mas com a espera, paciência e com a esperança de que o outro aprenderá a dar um lugar ao que se propõe. Toda manifestação violenta não é atestada. As inclusões e as diversidades se retomam por pacificar a escuta, o olhar e apaziguar a palavra ofensiva. Um professor com um pensar Gandhi saberá que seus estudantes poderão se resistir e que, portanto, haverá que imperar o diálogo do saberes (GONZÁLEZ, 2017). Antes da repressão, a riqueza do diverso potencializa as múltiplas opções que se encontram para resolver um problema. Existem muitas linguagens variadas atalaias para abordar um problema, sabe que um problema é polimórfico, portanto, as soluções são incontáveis.

- **Um pensar Malinchiano** recorre a sobrevivência junto ao poder, soma e assume uma interação de mútuo respeito. É um poder que se sente agredido. Ao invés de confrontar, decide associar-se, entregar-se para salvar sua honra e a de seu entorno. Um professor com a marca maior de Malinche não se opõe ao externo, o incorpora a seu mundo atuante. Um professor malinchiano não humilha nem quer ser humilhado, luta pelo prestígio dos sujeitos e sabe encontrar o melhor nas pessoas para potencializar-se e potencializar o comunal.
- **Um pensar Pilatos** sabe muito de evadir responsabilidades, como não lembrar ao célebre Pôncio

Pilatos e sua forma sibilina de lavar suas mãos. Um Pilatos quer ficar bem com todos e não se comprometer com suas decisões. Dessa forma, um pensar pilatiano é o clássico lavabo de mãos, logo, a consciência se lava até as ideias, que lavar a história, lavar-se de compromissos passados, presentes e futuros, assegurar que tudo acontece a suas costas, não vê aquilo que não serve, quer ficar bem apresentando com próprios e estranhos, lhe subjaze uma urgência sobre adaptação. Um pensar Pilatos pode aproximar-se ao pensar líquido, adapta-se a tudo, acomoda-se a qualquer recipiente, mas se evade por qualquer orifício; o seguinte estado do líquido é o gasoso, está em todas as partes, há volatilidade e adaptação as urgências do momento. A um pensar Pilatos o mesmo oito e oitenta, se ajusta ao que haja, vive das oportunidades, a nada se apega, para onde vai, para onde vão as pessoas e água que não há de beber, é melhor deixar correr. As grandes apostas do pensar Pilatiano é sair ileso da guerra, assim seja ele próprio o causador da mesma, se inventa linguagens para mostrar uma democracia falaz em torno a suas decisões: são eles que assim decidiram é sua palavra de força. Um professor Pilatos culpa o Estado por não dar a ele todas as ferramentas para ser um sujeito comprometido com sua profissão, culpa aos estudantes, descarrega as culpas nos pais de família, procura culpáveis em

lugar de causas, condenas aos diretivos e companheiros das dificuldades e, quando aparecem fatos resgatáveis, é o primeiro a se apoderar da coroa de louros.

- **Um pensar Lisistratiano** não aposta pela guerra como saída, sabe que o erótico tem lugar privilegiado para resolver as grandes guerras, os grandes confrontos. É uma aposta muito feminina no sentido de preservar a vida, de ver o erótico como ato criativo (González 2017a), a intuição como um cenário para resolver confrontos e as emoções como rompedor a sem-razão da razão. O erótico como vida e criatividade é o sinal maior de um lisistratiano. Um professor com rasgos de Lisistrata será muito criativo para enfrentar as tensões ao interior dos grupos, em lugar de apontar, inventa espaços para resolver. O privilégio para compreender as diversidades e as inclusões não é de ninguém em particular, mas requer a participação ativa da razão e da emoção.
- **Um pensar Apocalíptico** nos diz que a humanidade e seu entorno não têm saída, que a criação vai acabar, estamos próximos ao fim do mundo e ao fim da humanidade, refere-se que estamos chegando ao fim da história, ao fim da educação, ao fim dos fins. Aqui entra o pensador Meio ambiental de estirpe radical, o pensador judeu-cristão, o pensador com desesperança aprendida, um sujeito que acaba tudo desde suas

linguagens anegadas. O destino é manifesto, está escrito, o que se possa dizer ou pensar sobre o diverser e o diversar é pouco, já está nos livros do futuro, o melhor é ficarmos com o sabido sobre diversidade. Quando se é um professor ou um intelectual apocalíptico sua especialidade se centra em ensinar a desesperança, em explicar os rasgos das catástrofes, um professor ou professora apocalíptica não acredita nas crianças, as culpa do inculpável, não acredita na juventude, a desprestigia, pensa que é inevitável o nascimento de humanidades piores, piores filhos que suas linhagens, portanto, as sociedades não tem futuro; esquece que há futuros, todos plurais. Descarta aos velhos por inservíveis, não se descarta a si mesmo porque é o único que sairá bem do apocalipse que vem sentenciando, quase em todo apocalíptico há um messiânico entocado ou um filósofo de desastre intoxicado.

- **Um pensar Messiânico** afirma que tem a fórmula para sair do problema, é o salvador do apocalipse. Nem sequer chega a duvidar que o mundo caminha para a catástrofe, mas ele como o messias tem as chaves, as linguagens apropriadas para nos salvar. Nesse caso, podemos localizar ao conhecimento científico, filosófico (ABAGNANO, 1997), educativo e ao pensamento religioso judeu-cristão em sua fase grandiloquente.

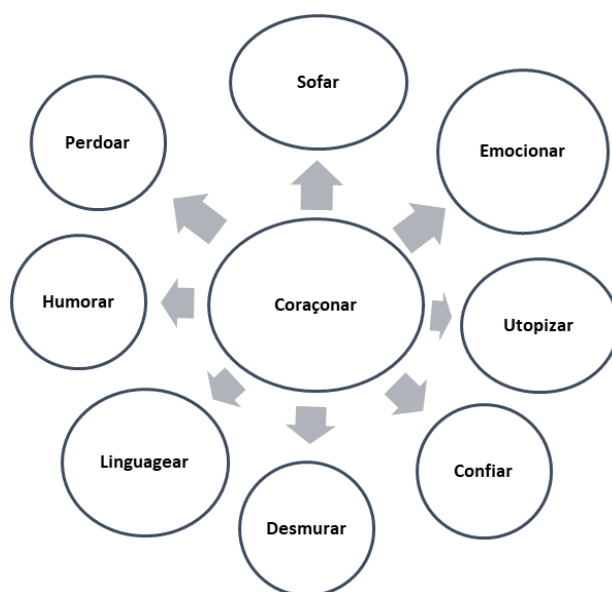


Para um messiânico, as ideias, os males e as soluções são universais, aplica a sentença *quem não está comigo está contra mim*, portanto, quem não o segue são inimigos ou bobos. O messiânico é o grande salvador do apocalipse, possui as chaves para abrir os trincos. A força está no futuro, e eternidade, salvação e imortalidade, porém insiste em respeitar os dicionários da tradição, onde estão as runas, as chaves do futuro. Para o messiânico, o diverser, o diversar, o comunar, o coraçonar nada garante, se não são pensados e estabelecidos por sua criatividade messiânica, por sua universalização intelectual. O messiânico nos compra o apocalipse e logo nos vende em parcelas seus manuais de salvação. Um professor messiânico nos mostra as crises em cem horas e as saídas em quinze cartilhas, vive mais pela ameaça do que pela proposta.

Nem um nem outro destes pensares são vivenciados por separado ou pertencem a somente uma pessoa, o dramático é que todos temos estas formas de pensar, convivem no nosso cérebro, nas nossas lógicas (DELEUZE, 1969), mas alguns de nós privilegiamos alguns sobre os outros. Daí que sabermos pensadores, é sabermos nessas dinâmicas, e ter claro nosso lugar de enunciação e a partir daí, nossos lugares para ponderar, potenciar ou não, as linguagens para pensar as diversidades e as inclusões.

### **Corazonares em potenciação do diverser e diversar**

São identificadas outras conexões entre o sentir, o coração e a razão que potenciam ou deixam outro tipo de esperança humana. Desde estes cenários, as diversidades e inclusões são outras condições. Estes corazonares se identificam no diversar e diverser.



Sabemos que somos muitos EUs, que num mesmo dia podemos nos comportar como pessoas sociais e associadas, somos muitos ao mesmo tempo (Bauman, 2006) Em palavras de González (2015) “um tempo virou cronos, esquecido do aion e do kairos, que está nos engolindo”.

Coraçonar é a conexão entre coração e razão, é a viagem que pedimos aos demais e que costumamos esquecer quando nos corresponde ou que não sempre podemos colocar em ação. A esse coraçonar, devém-lhe um sofá, emocionar, utopizar, confiar, desmurar, linguagemar, humorar e perdoar.

- **Sofá**, como já falamos, é saber sem pretender, há um saber, um conhecer que não se impõe, que se compartilha, que se conjunta com outros sofás. Nesse campo, as diversidades e inclusões são cenários que emocionam naquilo que se sabe e no que se ignora. Lao Tzé (2006, p. 87) nos lembra "Quem entende que o ordem não é obtido tentando colocar ordem?"

- **Emocionar**. Diante das emergências das indiferenças, das contenções e dos controles, da venda dos desejos, fizemos da emoção uma zona frágil. O emocionar é restituir-nos com outros seres da natureza, com outras lógicas que a razão não logra entender. As diversidades e inclusões desde o emocionar nos concilia em nossas fraquezas e não só em nossas dignidades.

- **Utopizar**. Aqui é uma esperança atrevida, que sabe de seus senhores, de seus topos e de suas realidades. O utopizar como o

horizontar nos dão dinâmicas de que algo é possível de se tentar pese o difícil que emerge. Utopizar com as diversidades e inclusões é nos suportar em que somos possíveis de novas maneiras sem destruir por ódio ou capricho, uma sorte de construir sobre o viável de nós.

- **Confiar**. Aprendemos a desconfiar, a não acreditar nos demais e até em nós mesmos. A desconfiança é uma marca por confrontar, a tensionar, o outro nos apresenta sem passado, somos nós que buscamos este passado ou para aproximá-lo ou para afastá-lo. Confiar é nos reunir sem tantos atributos inventados, sem tantos nomes ou marcas de castigo. Se algo resta à educação (ALBERICIO, 1991) é nos ensinar a confiar, ensinar a incluir sem tantos preconceitos, ao final, o melhor é nos reconciliar, como diria uma pessoa do mundo cotidiano. Para que tantas distinções e humilhações, se daqui não vamos sair vivos.

- **Desmurar**. De tantos muros, de tantas barreiras que inventamos já é tempo de pensarmos por fora de tantas muralhas, já é época de saber ser rompedores de muros. Um pensador que desmura suas barreiras evita construir muros aos demais. Um professor que desmure tem melhores encontros com seus estudantes, igualmente acontece a um político ou cientista que desmure suas realidades, isso vai lhe permitir estar num encontro aberto aos demais.

- **Linguajar**. É um conversar contínuo, em se atrever com as palavras já sabidas e as que estão por vir. Um pensador que linguajeia não reduz as realidades a suas palavras nem

substitui outras realidades pelas próprias. Nós também somos as palavras e as coisas (FOUCAULT, 2002).

- **Humorar.** Rirmos, saber ser donos do riso, como essa linda virtude humana é não negá-la nem permitirmos ocultá-la. O humor é uma necessidade em qualquer pensador, o riso é um atributo que requeremos em todos os cenários da vida. As diversidades e inclusões (Alegre, 2006) são mais dinâmicas quando são aproximadas a nós desde o humor.

- **Perdoar.** Um pensador coraçoador sabe que o perdão é uma necessidade, que o perdão é a melhor maneira de nos entender, de nos liberar, não se trata, como foi exposto em outros momentos, de esquecer. Um perdoador se libera de tantos ódios, se libera de tantas verdades, se libera de exigir justiça, lealdades, liberdades, de maneira violenta, se libera de suas dores porque entende que o perdão é um lugar que jamais podemos nos negar e que, independente da religião, todas tem o perdão dentro de suas regras de convivência.

“De acordo com a doutrina idealista” (BORGES, 1998, p. 178), o mundo é a perfeição, mas a realidade nos leva a outros cenários. São estas formas de ser que nos invade, nos estimula como seres humanos, porque em algum momento fizemos uso de algumas ou todas estas formas de coraçonar. Às vezes, acudimos ao sofocar, emocionar, utopizar, confiar, desmurar, languagear, humorar e

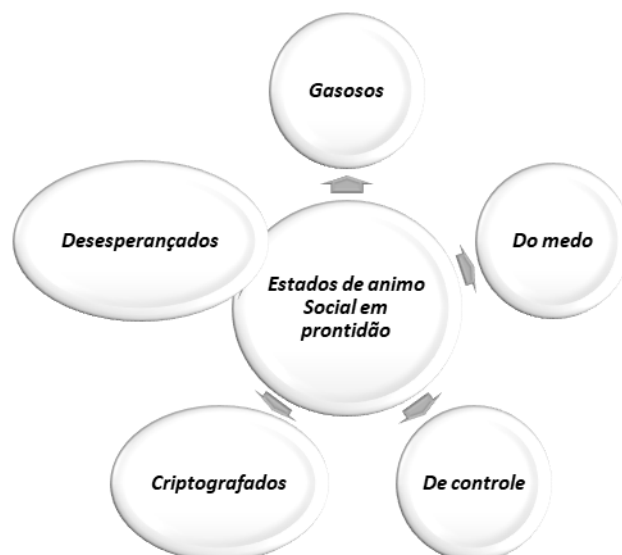
perdoar. Desde estas condições postas a nosso favor e estendidas aos outros, é muito mais simples incluir e se entender à diversidade. Se no diverser se manifestam estes coraçoadores, sem dúvida, no diversar também se desdobram, o magnânimo é lograr unilos e dar-lhes vida não por instantes, mas em rasgos contínuos, não em rupturas, mas em proximidades.

Um professor comprometido com las realidades de sua entorno deve desmurar sus languageas, perdoar, humorar, sofocar, emocionar, utopizar, confiar, precisa atender a totalidade, que indica Freire (2009, p.110):

O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa, ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade. Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente, por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas.

### **Estados de ânimo social em prontidão**

Estes pensares operam de acordo aos seguintes estados de ânimo social em prontidão, em fugas, em desespero que tenho estado identificando nestes dois decênios do terceiro milênio.



As sociedades, podem ser classificadas de muitas formas, mas existem alguns trânsitos a serem reconhecidos, umas formas de relação que são muito incidentes, não obstante, neste século XXI, em qualquer pessoa ou grupo social, manifesta-se um estado gasoso-pós-moderno, de medo, de controle, criptografados e desesperançados. É evidente que existem estados de ânimo paralelos aos aqui mencionados, como a felicidade, a tranquilidade, a esperança, a amizade e a transparência entre outros, mas isso corresponde a momentos específicos, as generalidades do como a sociedade vê o mundo vão por uma estendida incompreensão frente a pressões religiosas com grandes atentados a vida de envolvidos, um temor frente às mobilidades econômicas e às tragédias das pobreza. Assim, podemos nos identificar com estados anímicos gasosos, do medo, do controle, da criptografia e da desesperança. Muitas vezes, o mundo é louco (ERASMO 1996), em nossos paradoxos, habitamos

a tese e a antítese social, sentimos loucura e sanidade, vivemos uma ideia gasosa do mundo como de solidez, o medo como a esperança, a criptografia como a transparência, a desesperança como a esperança, desde estes estados anímicos sociais não somente nos movemos para queixarmos e padeceremos, mas, também, para sonhar e utopizar.

- **Estados de ânimo gasosos.** Estamos em algumas ações humanas que não sabemos classificar nem identificar, há raciocínios e decisões que não logramos identificar nem ver, são voláteis. O estado anterior do gasoso é o líquido, descrito por Bauman (2006). Sociedades móveis não identificam os grandes responsáveis pelas grandes crises, mas sim os responsáveis pelas vitórias. Esta situação social permite se adaptar a qualquer recipiente, ao menor giro social se abala, ao menor descuido se filtra, desaparece. Nas sociedades gasosas, o sólido e o líquido são uma

nostalgia. Temos políticos gasosos e igual, podemos dizer de cientistas, professores, cantores, religiosos e esportistas, já não é o amor líquido senão o amor gasoso, já não é o poder líquido senão gasoso. Sabemos que as sociedades pós-modernas são aquelas que não acreditam nem apostam a grandes metarrelatos, sociedades que deixaram de acreditar nos projetos de seus deuses e das pessoas, sociedade que não aumentam os nortes nem os centros. A esperança destas sociedades são os microrrelatos as microrrealidades, micro-histórias, não é uma sociedade desesperança totalmente, mas sim descrente das ofertas dos poderes, com dificuldade de localizar o centro em todas suas partes e em nenhuma. Então, para essas sociedades, seu modelo de ânimo é o gasoso. Também temos sociedades transparentes (VATTIMO, 2010) em que perdemos a privacidade.

• **Estados de ânimo do medo.** Algum dia Deus nos fez perceber que nem sequer o paraíso por Ele desenhado é confiável, tem suas armadilhas, suas rugas. Beck nos mostrou: estamos em perigo em qualquer parte. Riscos por desastres naturais, tecnológicos, financeiros, sanitários e de sustentabilidade ambiental; emergem riscos de uma pandemia, por uma ação terrorista, a que criptografem nossas comunicações, nossas vidas privadas. A desconfiança é a grande aliada do risco e no risco se manifesta uma curiosa demanda de controle. Neste mundo, fizemos do medo um estilo de poder, são os mesmos poderes que fazem do medo seu regime de governo: vigiar e

castigar é a grande aposta nas sociedades do medo. Professores com medo, ensinando sobre o medo, estamos na dieta do medo, o melhor negócio é vender os medos (GONZÁLEZ, 2014), logo aparecem as companhias de seguro que asseguram tudo, mas que não respondem por nada, esse é o risco, ninguém nos defende realmente. Nas sociedades de medo (GONZÁLEZ, 2014), tudo é uma ameaça, qualquer ação curiosa é estabelecida como um perigo; de fato, tudo é temporário, exceto a maioria dos medos. Bauman (2008, p.69) nos expõe que " Todas las victorias modernas líquidas, son, repito, temporales. La seguridad que ofrecen no perdura más allá del equilibrio del poder del momento, que se prevé tan efimero como todos los equilibrios: Todas as vitórias líquidas modernas, eles são, repito, temporários. A segurança que eles oferecem não dura além do equilíbrio do poder do momento, que se espera ser tão efêmero quanto todos os saldos".

• **Estados de ânimo do controle.** Câmeras por todas as partes, nos cenários públicos e nos privados, vigiar e controlar. Nunca havíamos deixado tantos rastros como nestas épocas, nossas impressões digitais estão em todas as partes, por um lado, nosso DNA escaneável e, por outro, as traças informáticas do que comunicamos. Estas são as sociedades agendadas, sem futuro porque sua ação é a agenda, o controle do tempo e, portanto, das pessoas. O êxito dos poderes é conseguir controlar nossas ações e ensinar aos seres humanos a desconfiar, a sentir que estão em risco, a ter medo

do outro para que se transforme em um vigiante, em um controlador mais.

• **Estados de ânimo criptografados, do segredo.** Logo do medo, do medo devem controles e desde os controles surgem as criptografias, os grandes segredos. O ter segredos, o saber algo que os outros não sabem corresponde a um slogan do século XX, ter conhecimento e informação é ter poder, o que nos meios de informação se denomina o “furo”, o fato de última hora ou o informante secreto: neste século XXI, não há líder do qual não se tenham informações salvaguardadas para evitar grandes escândalos. Os altos segredos militares, políticos, econômicos, jurídicos estão na base das criptografias. Na criptografia, a informação recebida é pela metade, sempre estamos reservando um dado, nos apoderamos de uma informação, a conservamos, não a compartilhamos a fim de nos proteger caso sejamos ameaçados. Se você diz isto eu conto aquilo de ti ou da organização, senhas ali, senhas lá, barrotes acima, mísseis abaixo, caixas fortes por todas as partes e grandes programas para criar senhas inacessíveis para os violadores da informação privada (CASTELLS, 1997). A proteção do público e do privado é criptografar da melhor forma possível e é a marca desta época. Queremos sociedades transparentes e transparentadas, mas apelamos a

criptografia para não sermos visíveis por todos.

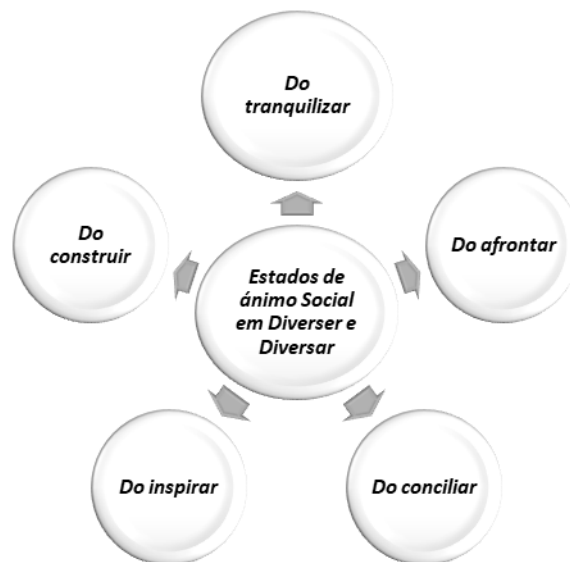
• **Estados de ânimo desesperançados.** Esta experiência é bastante fecunda, desde certas religiões vimos esperando o apocalipse, o final de toda matéria e energia cósmica. Nestas sociedades, o outro é um estranho a temer, o outro é um risco, nos produz medo, o outro é líquido, é gasoso. Os grandes vendedores de desesperanças estendem suas linguagens apocalípticas que abrem trilhas aos messiânicos. A um estado anímico social desesperançado, é conveniente um sujeito apocalíptico. O barco social se afunda, o universo colapsa, não vale a pena tentar algo novo, ao final, nada tem sentido, isso reflete com clareza um estado de ânimo desesperançado.

188

Existem culturas (BARBERO, 1998) em que se vivem com maior ênfase um estado anímico que outro; agora, o complexo é que como as formas de pensar descritas, todas as culturas humanas os vivem em qualquer momento e os revivem quando seja necessário.

### **Estados de ânimo social em Diverser e Diversar**

Identificam-se estados de ânimo social em rasgos de Diverser e Diversar.



Quando viajamos até os estados de ânimo do diverser e o diversar, encontramos-nos com as opções do afrontar, do tranquilizar, do conciliar, do inspirar, do construir.

- **Do tranquilizar.** Um pensador do tranquilizar analisa todas as realidades, o que está ocorrendo e permite serenar seus ânimos e o dos outros. É um estado de ânimo social que nos seduz a depurar nossas emoções antes de tomar decisões.
- **Do afrontar.** Esse estado de ânimo social do afrontar, de não se esconder diante do medo, diante do controle, é uma característica humana que primeiro parte do diverser e se estenda ao diversar, ou seja, está primeiro em minha internalidade e logo o levo para fora. Um pensador do afrontar busca em suas linguagens tudo aquilo que não o deixe se retirar sem antes tentar.
- **Do conciliar.** É um estado social muito interessante que sabe a necessidade de confrontar injustiças ou

dificuldades, mas que não esquece o lugar da conciliação. Há momentos em que há um estado social de conciliação, onde opta, não por renunciar a seus direitos, mas sim por conciliar entre seus desejos e o desejo dos outros.

- **Do inspirar.** É um estado social que decide ser inspirador de outros, ser motivador, servir de exemplo. É uma característica de todos os grupos sociais. Esse auto inspirar-nos para inspirar aos outros, para dar-lhes linguagens aos demais para que se atrevam, para que desenvolvam sua integridade em trilhas do diverser e do diversar.
- **Do construir.** É um estado social de alta abstração e concretização, é quando se passa das ideias, das palavras às ações, não são atividades simples, são realizações de construção, de implementação, de dispositivos, de tecnologias, de matérias, de energias, de linguagens encaminhados a uma coletiva força de construção com força comunal.

Intuiu-se que existe uma sociedade com estado de ânimo do controle ou gasosa, hei de julgá-la, compreender ou agir baixo o pensamento adânico, alexandrino, procustino, cartesiano, gandiano, malinchiano, pilatiano, lisistratiano, apocalíptico e messiânico.

Se a sociedade tem um estado de ânimo do diverser e o diversar, compreendemos que desse o afrontar, o tranquilizar, o conciliar, o inspirar e o construir nos submerge em novas esperanças (GONZÁLEZ 2011), em

importantes linguagens para pensar as diversidades e inclusões.

### Desafios da ocupação docente frente as diversidades e inclusões. Modos professorais de ser

Reconhecem-se alguns estilos, modos sociais-professorais para ativar as realidades que, sem sombra de dúvidas, impactam o mundo das diversidades e inclusões na ideia do viver juntos.



### Estilos professorais em Carência

Desde estas condições, o estudante padece, não disfruta ou, com frequência, se perde em sua atividade acadêmica.

- **Constrangedor.** Um político, um cientista, um filósofo, um docente ou qualquer atividade constrangedora se distingue por alguém que exerce seu papel, mas que não o sente; quando é um professor, se identifica mais com sua disciplina que em seu afazer pedagógico. Ao constrangedor não lhe

interessa o conhecimento senão o mundo laboral; para ele, os problemas humanos não interessam. A profissão é uma necessidade para sobreviver, sente vergonha de seu labor, mas, não obstante, o desempenha. É difícil que com este estilo de agir à realidade se possam compreender e tensionar as diversidades e inclusões, ele sente vergonha de sua origem e envergonha aos outros.

- **Ignorante.** É um sujeito convencido de seu conhecimento que se dedica a desprestigiar os saberes



diferentes; ninguém sabe mais que ele, não somente pensa isso, diz e escreve: essa é sua ignorância. Ao estilo do mestre ignorante de Rancière (2016), um professor assim crê que tem as chaves da realidade e que os estudantes ou os demais são ignorantes, são pessoas para encher de informação. Ignora que ignora e isso é um princípio básico para acessar a novas realidades. As diversidades e as inclusões passam por maiores dificuldades com um estilo ignorante; para um ignorante, o aprender a viver juntos não entra em consenso, impõe-se com as epistemes da ignorância.

- **Charlatão.** Seu grande exercício é manter-se ao dia com o mundo das telas; sabe a hiper-realidade e age no mundo informativo light com bastante solvência. Os problemas se relevam por outros, não se aprofunda em nada, no âmbito intelectual se subtrai as últimas teorias; é uma pessoa que vive na moda. Para o charlatão, as diversidades, as inclusões e o aprender a viver juntos tem sentido se são propostas da moda.

- **Correspondente.** Fala no nome dos outros, está entregando informação de fora, de suas leituras, de seus informantes. É um sujeito que sente responsabilidade com os acontecimentos do momento. Para um correspondente como para um charlatão, não é tanto o sujeito que o interessa, mas sim a informação atualizada da realidade; um correspondente informa sobre as diversidades, as inclusões, desde muitos pontos de vista, mas não se sabe sua posição, se libera da responsabilidade que lhe compete. Sua

missão é informar e levar os demais a adotarem as decisões que acreditem ser convenientes.

- **Intoxicador.** Invade com suas linguagens, não deixa pensar, mas além do próprio mundo linguístico. Um sujeito com linguagens intoxicadoras fala de suas verdades como rocas universais. Um professor intoxicado só valida suas apostas políticas, econômicas, jurídicas ou intelectuais; costuma desconhecer o resgatável dos demais; sua verdade é a intoxicação da realidade. Um sujeito com linguagens tóxicas não dá crédito a outras propostas alternas, interessa o que ele compreende por diversidade e inclusão.

- **Executivo.** Um executivo pensa que as condições sociais requerem de alguém que as execute, que as faça cumprir; põe em funcionamento com bastante primazia as disposições normativas, os currículos se mantêm por cima de qualquer outra realidade, e lhe interessa o conhecimento se bem que não o sujeito. Se cumprem as disposições, isso garante tranquilidade para seu entorno. Para um pensador de ordem executiva, as diversidades, inclusões e o aprender a viver juntos representam uma defasagem jurídica, um problema de direcionamento.

### Estilos professorais em Potência

Aqui, o professor, restitui ao sujeito que ensina e ao sujeito que aprende, restitui as linguagens, já que não é dos poderes senão as linguagens emergentes em poéticas, ciências, em filosofia, em quotidianidades que cada pessoa resignifica.

- **Solidário.** Adverte que a vida é viável em estar com os outros, sabe de suas solidariedades não só intelectuais senão vitais. Com um estilo solidário, a inclusão não é uma ilusão senão uma necessidade e a diversidade não é um capricho senão um resultado óbvio da condição humana. O solidário é gregário nas múltiplas dimensões humanas, é alguém que soma; vê o copo meio cheio, enquanto outros o veem meio vazio. Não lembra (ZEMELMAN 1998) que somos sujeitos, existência e potência.

- **Humanista.** Não condiciona o encontro humano ao bonismo, é promotor das realidades sociais; não descarta as possibilidades do mundo das diversidades e das inclusões junto a múltiplos variantes para estar no desafio do viver juntos. Em todo humanista, dorme um romântico, um poeta, um sujeito que aposta às estéticas e não duvida que o ser humano sempre está aberto a mudança. Existem diversidades proibidas? (GONZÁLEZ, 2017a)

- **Reparador.** Identifica que a humanidade tem grandes feridas, enormes dificuldades e que no lugar de centrar a ação no conhecimento ou no controle, o primordial é reparar tudo aquilo que afeta o sujeito, logo virá o complemento para potencializar as pessoas, o conhecimento em suas disciplinaridades. Para um professor reparador, interessam as quotidianidades dos estudantes, seus problemas particulares, não se convence das generalidades nem dos rótulos, tampouco descarta que, no âmbito ampliado da humanidade, subjazem chaves que requerem ser

concertadas para melhorar a convivência social.

- **Liberador.** Tem muito conhecimento e pouco autoritarismo, reconhece que a liberdade se ganha, mas também pode ser ensinada: nem toda pessoa tem elementos cognitivos e práticos suficientes para constituir suas resistências e sua conseguinte liberação. Um professor libertador não pode deixar-se convencer de uma ideia messiânica, sabe que tem chaves para dar a conhecer, mas identifica que é o próprio interessado quem busca a liberdade.

- **Estetizador.** Reconhece as formas de ativar as ciências, as filosofias, as economias, as educações, as quotidianidades, e que, cada uma, a seu estilo, conserva semblantes por ressaltar e por melhorar, identifica que desde as estéticas se encontram outras linhas para habilitar estas dimensões do pensar, do viver a vida em juntedades. As artes em todas suas expressões têm um sentido não tangencial senão vital na configuração dos conheceres e saberes. O estetizar é corporizar, externalizar e restituir linguagens criativas para estar no mundo.

- **Esperançador.** Por difíceis que emergem as condições humanas, não descarta o mundo da esperança; não nega que as condições que limitam ao sujeito podem sofrer variantes. Centra seu agir no sujeito, reconhece que o mundo é uma constelação de acontecimentos que sempre nos oferece esperanças diferentes dos apocalipses, dos grandes desastres. Um professor esperançador e liberador constitui um oásis no deserto. Logo dos apocalipses sempre fica alguém; é um pós

apocalíptico no sentido de que não deixa dormir a esperança e não aposta à desesperança aprendida.

Nesta modernidade líquida (BAUMAN, 2006), esses estilos humanos-professorais não podem ser desconectados dos estados de ânimo social nem dos sensipensares. Como sabemos. Podemos assistir às esperanças burocratizadas, aos sonhos burocratizados, à universidade burocratizada, a uma humanidade burocratizada e baixa em sensibilidade para confrontar e convocar as soluções aos diferentes problemas humanos e não humanos. Mas ao que não podemos assistir é a desapareção da espécie por apatia; daí que aprender a viver juntos é saber-nos em todas estas dimensões, em nossos limitantes, mas também conhecer nossas abundancias. As pessoas humanistas, solidárias, reparadoras, esperançadoras, estetizadoras e liberadoras sabem de seus sonhos e sabem que estes sempre querem nos contar uma história. Somos modernos? (TOURAINÉ, 1994) ou estamos em transição ousada para sociedades pós-modernas.

Ao pensar os saberes e as diversidades ficamos presos nos dados, nas realidades codificadas, “somos diversos, mas colonizados” (De la Vega, 2010, 59), por sorte, sabemos que a vida vai mais além do fixo e do móvel.

### **Em juntedades, situacionar o diverser e o diversar**

Na humanidade, sempre existiram rumores de qualquer ordem e

sentido; é famoso o caso sobre um notável escritor que o jornal New York disse que estava morto em 1897, cuja resposta não se fez esperar: “Os rumores sobre minha morte, disse Mark Twain, foram um pouco exagerados. Um docente frente às diversidades e inclusões, tem que vê-los além de um lema (GONZÁLEZ 2016a), não pode perder o sentido do humor, a capacidade de resolver situações difíceis e habilitar linguagens flexíveis, incluso, para a incontestável morte.

Mais além dessa situação limite, onde não podemos fazer muito, em vida requeremos de docentes e intelectuais para que pensemos em múltiplas vias, em linguagens plurais. Já sabemos que quem sonha acordado sabe muitas coisas que escapam aos que somente sonham de noite. Reconhecer nas crianças, jovens e adultos suas formas comunicativas dominantes; saber que em estas sociedades de la tela global (LIPOVETSKY, 2009), comunicar se volvi incomunicar.

- Pensar nas origens das expressões dominantes – familiares, internet, redes sociais ou outras fontes de meios de comunicação.
- Complexificar o pensamento linguístico.
- Não desprezar ou satanizar expressões, ou provocar-lhes tensões, habilitar correlatos e neologismo que nos ponham a pensar desde outros cenários.
- Não moralizar nem politizar as linguagens, mas sim identificar quais valores, quais mundos políticos ofertam as expressões dominantes de

uma época e o que podem esconder ou silenciar.

- Cuidar o charlatanismo de classe, acarretam ao charlatanismo do pensar.
- ¿Que mundos futuriza, que mundos ocultam as linguagens que vimos desenvolvendo no exercício acadêmico?
- Desmanchar as fachadas linguísticas.
- Não fugir das dificuldades, nesta venda de mundos felizes, dos paraísos turísticos, onde não estão ensinando a não estar em dificuldades que se traduzem em suicídios e evasões da realidade. É necessário um novo elogio da dificuldade, no estilo de (ZULETA, 2001).
- Não cair em racismos linguísticos que levam a racismos intelectuais.
- Há branqueamentos sociais, evitar os branqueamentos linguísticos.
- Ensinar é assombrar com um mistério, aprender a viver juntos é aclarar um dos grandes enigmas não resolvidos da humanidade.
- Não insistir com perguntas cadáver cujas respostas aparecem nos cemitérios mediáticos
- Evadir os interrogantes múmia com respostas dissecadas nos museus. As enciclopédias são um bom exemplo de museus. Todo museu organiza as realidades segundo as lógicas do poder do momento.
- Ensinar a pescar com liberdade linguística e não cair nas algemas das gramáticas.
- Não deixar como um simples lema a inclusão, mas sim assumir uma

postura autêntica sobre as inclusões. “Não deixar as inclusões ao pensamento da caverna” (GONZÁLEZ, 2004, p.39).

- O saqueio da inteligência precisar ser estudado para dar lugar a imaginação, a esperança.
- Evitar a industrialização dos sentimentos.
- Aprenda a viver os paradoxos (CICERON, 2012), o absurdo “Siempre hubo hombres que defendieron los derechos de lo irracional: Siempre houve homens que defendiam os direitos dos irracionais” (CAMUS, 2018, p.38). Às vezes, devemos viver os paradoxos e o absurdo sem a necessidade de resolvê-los.
- Cuidar e cuidarmos do marketing das linguagens.
- Quais saberes, quais linguajares das diversidades nos interessam?
- Em que consiste o gaguejo secreto dos poderes?
- De que maneira os poderes fazem uso dos machados, das guilhotinas para não nos deixar pensar?
- Somos testemunhas e testemunhos de uma época, não podemos perder nos na “Ausência do testemunho” (MÈLICH, 2001).

Situacionar, lugarizar o diverser e o diversar é o grande desafio que nos seduz a educação, que nos seduz o mundo formativo que nos convoca a reconhecer. Por vezes, somos indolentes quando pensamos em diversidades, inclusões e conhecimentos (GONZÁLEZ, 2010).

A educação não pode dormir nas malas do comércio, a inclusão não pode sucumbir nas atmosferas segregacionistas nem a diversidade pode se reduzir a exercícios jurídicos ou desdobramentos normativos nem os

saberes ao mundo da manipulação. Nosso grande desafio geográfico, cognitivo, emocional e transcendente é aprender a viver em junedades e, para isso, temos as diversidades e seus saberes.

## Referências

ABAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Dicionario de filosofia, Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1997.

ALBERICIO, J. **Educar na diversidade**. Educar en la diversidad. Madrid: Bruño, 1991.

ALEGRE DE LA ROSA, O. **Inclusão e diversidade. Inovações e experiencias**. Inclusión y diversidad. Innovaciones y experiencias. Málaga: Manigraf, 2006.

ARENDT, H. **A construção humana** - La construcción humana. Barcelona: Paidós, 1996.

BARBERO, J. M. **Culturas, meios e sociedade**. Cultura, medios y sociedad. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1998.

BARTHES, R. **Crítica e verdade**. Crítica y verdad. Buenos Aires: *Século XXI* - Siglo XXI, 1996.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Modernidad líquida. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

\_\_\_\_\_. **Miedo líquido**. Medolíquido. Buenos Aires: Paidós, 2008.

BORGES, J. L. **O Aleph** - El Aleph. Barcelona: Alianza. Original de 1949, 1998.

CAMUS, A. **El Mito de Sísifo**. Madrid: Alianza Editorial, 2018.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. O poder da identidade. Uns aforismos que põe em questão o cânone de pensar**. La era de la información: economía, sociedad y cultura. El poder de la identidad. Unos aforismos que ponen en cuestión el canon mismo del pensar. México: Siglo XXI, 1997.

CICERÓN, M. T. **Os paradoxos dos estóicos**. Las paradojas de los estoicos. México: Instituto de pesquisas jurídicas da UNAM - Instituto de Investigaciones Jurídicas de la UNAM. Original del año 46 a. C, 2012.

DE LA VEGA, E. **Diversos e colonizados. O sonho multicultural da escola**. Diversos y colonizados. El sueño multicultural de la escuela. Rosario: Universidade do Rosario - Universidad del Rosario, 2010.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. Lógica del sentido. Santiago de Chile: Universidad Arcis, 1969. En: [http:// www.uruguaypiensa.org.uy/imgnoticias/588.pdf](http://www.uruguaypiensa.org.uy/imgnoticias/588.pdf)

DELORS, J. **Educação: encerra um tesouro**. Educación: encierra un tesoro. Madrid: Santillana, 1996.

ERASMO DE RÓTERDAM. **Elogio da loucura.**Elogio de la locura. México: Porrúa. Original de 1511, 1996.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas.** Buenos Aires: século XXI, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FROMM, E. **Medo à liberdade** - Miedo a la libertad. Madrid: Paidós, 2006.

GEERTZ, C. **Os usos da diversidade** - Los usos de la diversidad. Barcelona: Paidós, 1996.

GONZÁLEZ, G. M. A. **Diálogos de saberes. As homogeneizações – diversidades e as exclusões - inclusões na Educação Colombiana, narrativas autobiográficas.** Diálogos de saberes. las homogeneizaciones-diversidades y las exclusiones-inclusiones en la Educación Colombiana, narrativas autobiográficas. ISBN: 0798-9792. Revista de pedagogía, V 38 (103) 209-247, 2017.

\_\_\_\_\_. **Amores proibidos em Kalkan** – Amores prohibidos en Kalkan. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 2017a.

\_\_\_\_\_. **Aprender a viver juntos. Linguagens para pensar diversidades e inclusões** – Aprender a vivir juntos. Lenguajes para pensar diversidades e inclusiones. Buenos Aires: Noveduc, 2016.

\_\_\_\_\_. **Linguagens dos poderes. Lemas e slogans institucionais em sua capacidade de pensarmos: E as universidades?** – Lenguajes de los poderes. Lemas y eslóganes institucionales en su capacidad de pensarnos ¿Y las universidades? Revista AGO.USB Medellín-Colombia V. 16 (2) 549 – 570, 2016a.

\_\_\_\_\_. **Analectos da caverna** - Analectas de la caverna. Pereira: Papiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Limiares de indolência.** - Umbrales de indolencia. Manizales: Universidade de Manizales, 2010.

\_\_\_\_\_. (2011). **Resistir na esperança. Conversas com o tempo** - Resistir en la esperanza. Pláticas con el tiempo. Pereira: Universidad Tecnológica de Pereira.

\_\_\_\_\_. **Medos e esquecimentos pedagógicos** - Miedos y olvidos pedagógicos. Rosario: Homo Sapiens– UCP, 2014.

\_\_\_\_\_. **Tempos intoxicados em sociedades agendadas. Suspeitar um pouco do tempo educativo.** Tiempos intoxicados en sociedades agendadas. Sospechar un poco del tiempo educativo. Manizales: Universidade de Manizales, 2015.

HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse** - Conocimiento e interés. Madrid: Taurus, 1986.

LAO TSÉ, Tao Te King. **México**: Grupo editorial Tomo. Original do século IV a.c. Tao Te King. México: Grupo Editorial Tomo. Original del siglo IV a. C, 2006.

LÉVINAS, E. **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a exterioridade. - Totalidad e infinito: ensayo sobre la exterioridad. Salamanca: Sígueme, 1977.

LIPOVETSKY, G. **A tela global**. La pantalla global. Barcelona: Anagrama, 2009.

MÈLICH, J. C. **A ausência do testemunho**. Ética e pedagogia nos relatos do Holocausto. - La ausencia del testimonio. Ética y pedagogía en los relatos del Holocausto. Barcelona: Anthropos, 2001.

NUSSBAUM, M. **O cultivo da humanidade**: uma defesa clássica da reforma na educação liberal. El cultivo de la humanidad: una defensa clásica de la reforma en la educación liberal. Barcelona: Paidós, 2005.

RANCIÈRE, J. (2016). **El maestro ignorante**. Buenos Aires: Libros el Zorzal.

TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade** - Crítica de la modernidad. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1994.

VATTIMO, G. (2010). **A sociedade transparente** - La sociedad transparente. 6a ed. Madrid: Espasa Libros, 2010.

ZEMELMAN, H. **Sujeito, existência e potência** - Sujeto, existencia y potencia. Barcelona: Anthropos, 1998.

ZULETA, E. **Elogio da dificuldade e outros ensaios** - Elogio de la dificultad y otros ensayos. Cali: Fundación Estanislao, 2001.

*O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.*

**Recebido em 17/09/2020**

**Aprovado em 23/11/2020**